

Telejornalismo na escola: a Educomunicação na produção audiovisual¹

Gislaine de Aguiar Rodrigues²

Silvia Meirelles Leite³

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

RESUMO

Neste trabalho foi realizado um relato expandido sobre o projeto “Telejornalismo na escola: a Educomunicação na produção audiovisual”, propondo uma reflexão sobre essa experiência. O projeto teve como princípios técnicos o telejornalismo e o referencial teórico-metodológico da Educomunicação e seu objetivo geral foi fomentar a produção audiovisual dentro do Instituto de Educação Juvenal Miller, uma escola da rede pública estadual, localizada em Rio Grande/RS. O projeto contou com 24 alunos participantes, os quais cursavam o 1º ano do Ensino Médio. Com isso, buscou-se proporcionar um canal de comunicação entre os alunos e o ambiente escolar. No final do projeto os alunos produziram uma reportagem telejornalística com a temática “Preconceito”, fomentando o debate sobre a pauta escolhida e trabalhando com as possibilidades da produção audiovisual.

Palavras-chave

Audiovisual; Educomunicação; Escola; Tecnologias; Telejornalismo.

1. INTRODUÇÃO

Com o passar dos anos a produção audiovisual e as tecnologias digitais andam cada vez mais juntas, cumprindo não somente a função de informar através de seus meios multiplataformas, mas, tendo espaço para uma abordagem educativa. Neste cenário, a educação e a comunicação fomentam um campo de inter-relação, intervenção social e atuação profissional chamado Educomunicação. Tendo isto como pano de fundo, o presente relato expandido busca detalhar o projeto “Telejornalismo na escola: a Educomunicação na produção audiovisual”, trazendo uma reflexão sobre o seu

¹ Trabalho apresentado na IJ 6 – Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas, e-mail: gislainedeaguiarodrigues@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora Adjunta do Curso de Jornalismo do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), e-mail: silviameirelles@gmail.com.

processo. O referido projeto foi proposto e desenvolvido pela autora desse relato em julho de 2018 no Instituto de Educação Juvenal Miller, uma escola da rede pública estadual, localizada em Rio Grande/RS.

O projeto teve como objetivo geral estimular a produção audiovisual dentro da escola, proporcionando um canal de comunicação entre os alunos e o ambiente escolar. Para tanto, os estudantes analisaram e produziram vídeos embasados nos princípios do telejornalismo, viabilizando um espaço de fala e oportunizando condições deles se desenvolverem como indivíduos críticos e produtores de conteúdo.

A comunidade selecionada para a aplicação da atividade foi a turma de 1º ano do Ensino Médio identificada pelo número 102, com 24 adolescentes entre 15 e 16 anos, a qual, é composta por alunos que, em sua formação escolar, passaram por escolas públicas, municipais e particulares. A escola, situada na área central do município, caracteriza-se por sua diversidade, com alunos de diferentes classes sociais.

Os princípios técnicos do telejornalismo e o referencial teórico-metodológico da Educomunicação (SOARES, 2000 e 2002) foram as bases do projeto. Também se enfocou a “Mediação tecnológica na educação” (ALMEIDA, 2016), incorporando o uso do celular como ferramenta pedagógica e de produção de conteúdo, descartando o uso de equipamentos específicos normalmente utilizados para o desempenho prática telejornalística – câmera profissional, microfone, luz, entre outros.

A intenção foi mostrar que com um equipamento que eles carregam em seu dia a dia e que geralmente utilizam para lazer, pode ser uma ferramenta expandida onde há a possibilidade de praticar o texto, a pesquisa, coleta de imagem, áudio e, até mesmo edição, através de aplicativos implantados no aparelho ou baixados pela internet. Também se teve a intenção de trazer o jornalismo para dentro da sala de aula para que eles entendessem e valorizassem o processo que uma notícia passa até chegar à população. Com isso, buscou-se incentivar o olhar acerca de temas latentes na comunidade onde os participantes vivem, os quais podem ser trabalhados jornalisticamente.

Peruzzo (2002) explica comunidade sob a ótica de um sinônimo de sociedade, no âmbito de organização, grupo, sistema social. Além disso, o termo também é utilizado para designar segmentos sociais, como por exemplo uma comunidade universitária, grupos de interesse, como comunidades virtuais e agrupamentos sociais, como bairros, etc. No caso deste trabalho, foi uma comunidade escolar.

Se por um lado o termo é utilizado demasiadamente de modo indistinto, por outro evidencia a existência atual de várias formas de agregação social que portam algumas características de perfil comunitário. É todo um *movimento* que se constrói a partir do local de moradia ou de outras identidades, sejam elas simbólicas, espirituais etc., que afloram simultaneamente ao processo de globalização. (PERUZZO, 2002, p.2)

Outro ponto exposto no texto, através de uma discussão de autores trazidos por Peruzzo, é o significado de comunidade através da reciprocidade, do sentimento de pertencimento e da existência de fortes laços entre os envolvidos. Ou seja, tem-se como critério básico as relações sociais que podem ser encontradas dentro desta comunidade.

A autora traz características de comunidade nos dias de hoje, tendo referência onze apontamentos discutidos pelos clássicos sobre o assunto, dentre eles, sete são encontrados na comunidade trabalhada, são eles: participação, sentimento de pertença, caráter cooperativo e de compromisso, reconhecer-se como comunidade, alguns objetivos e interesses comuns, interação e possui uma linguagem comum. Peruzzo finaliza o texto com uma consideração que compreende o sentido de comunidade, independente da época em que a mesma se encontra:

O viver em comunidade é algo que perpassa a história da humanidade (...) Junto com outros processos de relações sociais mais generalizantes, globais, efêmeros, agregativos, etc. em nível da cidade ou da sociedade, comunidades continuam sendo portadoras de especificidades marcadas pelos laços que as tornam comunidades. (PERUZZO, 2002, p.12)

A aproximação com o telejornalismo, através das práticas educacionais, proporcionou um espaço de democratização da informação dentro do ambiente escolar, fazendo com que os alunos exercitassem o pensamento crítico, texto e oratória em uma mesma atividade. Com isso, buscou-se fomentar seu interesse pela comunicação, produção e exploração do aparelho celular, tecnologia utilizada como instrumento de trabalho ao longo do projeto, para além do seu uso social. Esta proposta será detalhada ao longo do deste artigo.

1.1 A COMUNIDADE: TURMA 102 DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO JUVENAL MILLER

Antes de iniciar o trabalho com os estudantes, foi realizado um diagnóstico da comunidade escolhida, através de conversas informais e observação da turma, para saber como desenvolver o projeto de acordo com o cenário encontrado. Neste

diagnóstico foi constatado que existem mais meninas que meninos no ambiente trabalhado. Entre as preferências em comum estão os momentos de lazer em casa, assistindo filmes/séries, escutando música, jogando jogos eletrônicos, dormir, além de sair com os amigos. Quase todos dependem de ônibus para se locomover até a escola e parte tem pais que trabalham em turno integral. Poucos alunos têm em mente o que querem fazer no ensino superior.

Com esse diagnóstico inicial, observou-se que o acesso ao jornalismo é limitado e o hábito de assistir telejornal não é corriqueiro, às vezes, assistem no horário da noite junto aos pais, não tendo um olhar especial acerca das mensagens que estão recebendo. Os canais de comunicação explorados pela comunidade escolar são: 1) a página da escola no facebook⁴, utilizada para marcações no local, publicações de fotos e comunicados gerais; 2) a página do Grêmio Estudantil⁵, para comunicados, eventos e opinião; 3) o grupo privado da escola no facebook para comunicados da escola, como cancelamento de aula, divulgação de eventos, etc; 4) o grupo privado da turma no facebook para comunicados da turma, materiais de aula e publicações de trabalhos; 5) a sala dos professores e direção, utilizadas para buscar eventuais informações e 6) o mural da escola, onde são colocados avisos sobre o instituto.

Todos os alunos possuem celular, já computador e acesso a wi-fi, nem todos. O celular é utilizado para mexer em redes sociais, tirar fotos, jogar jogos e assistir *Netflix*⁶, a pesquisa e aplicativos de produção são elencados como última instância.



Figura 1 Alunos escutando a explicação da atividade proposta.

A partir deste diagnóstico elaborou-se uma proposta de trabalho que contemplasse as particularidades da comunidade, bem como o desenvolvimento do

⁴ Disponível em <https://www.facebook.com/balneario.cassino.33>. Acessado em 27.03.2019

⁵ Disponível em <https://www.facebook.com/GEJuvenalMiller/>. Acessado em 27.03.2019

⁶ *Netflix* é uma plataforma de streaming de vídeos e séries.

senso crítico e de uma postura autoral na produção audiovisual. Para isso, buscou-se subsídios na educomunicação.

2. EDUCOMUNICAÇÃO

As raízes do presente trabalho encontram-se na Educomunicação, a qual é vista como um campo de inter-relação, em que a comunicação e a educação, juntas, carregam uma identidade própria, tendo cuidado com todo o processo educativo da comunicação.

Ismar Soares (2000) define como:

o conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem. (SOARES, 2000, p.63-64)

Reconhecida como um campo de inter-relação e interdiscursividade, a Educomunicação garante que os atores sociais, envolvidos no processo Comunicação/Educação, a vivenciem em suas práticas, por meio de áreas de intervenção social, sendo estas: educação para comunicação, mediação tecnológica na educação, gestão da comunicação no espaço educativo e reflexão epistemológica sobre a inter-relação comunicação/educação como fenômeno cultural emergente.

Aplicando a área de intervenção social de “Educação para Comunicação”, apresentada por Soares (2000), trabalhou-se com o encadeamento do processo produtivo e de recepção das mensagens na comunicação, assim como no campo pedagógico, fazendo com que os alunos se apropriassem dos meios e linguagens da comunicação, os tornando receptores e produtores de conteúdo. De acordo com o autor, a Educação para Comunicação é:

constituída pelas reflexões em torno da relação entre os pólos vivos dos processos de comunicação (relação entre produtores, o processo produtivo e a recepção das mensagens), assim como, no campo pedagógico, pelos programas de formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios. (SOARES, 2000, p.23)

A realização do projeto buscou subsídios nas vertentes culturalista e dialética. O autor Ismar Soares (2002) explica:

A vertente *culturalista* busca garantir aos educandos os conhecimentos necessários para que os mesmos adquiram o hábito de ler de forma adequada as mensagens dos meios e a

vertente *dialética* parte do estudo das relações entre os receptores e os meios de comunicação, a partir de uma reflexão que leva em conta o lugar sócio-político-cultural em que se encontram os receptores e produtores. (SOARES, 2002, p.21)

Também se enfocou a “Mediação tecnológica na educação”, inserido as tecnologias digitais no processo educativo e possibilitando a ampliação da aprendizagem. Almeida (2016) contextualiza:

O educador se questionará: de que forma a tecnologia pode colaborar com a aprendizagem, com a criação, assimilação e gestão do conhecimento na perspectiva da cidadania, do desenvolvimento e da solidariedade? Parte-se da premissa de que a aprendizagem constante, social e universal mantém estreita relação com a ampliação da inteligência coletiva. (ALMEIDA, 2016, p.24)

Ou seja, a educomunicação, bem como as vertentes aplicadas, garantem que o educando tenha base para compreender e lidar de forma correta com a comunicação pensando não somente no processo de produção da mensagem como também no próprio indivíduo em que está inserido no processo de recepção desses conteúdos disposto pela mídia. Já a aplicação “mediação tecnológica na educação” soma forças como embasamento para a ampliação do conhecimento do grupo partindo de intervenções tecnológicas. Para além disso, o telejornalismo surge como suporte para a execução efetiva do projeto por ser algo, atualmente, de fácil acesso e entendimento por adolescentes das mais variadas camadas sociais.

2.1 RELAÇÕES ENTRE TELEJORNALISMO E EDUCOMUNICAÇÃO

Segundo dados da Pesquisa Brasileira de Mídia 2016⁷, a televisão segue sendo o meio de comunicação mais utilizado pela grande massa popular. Foi constatado que, nove em cada dez entrevistados a utilizavam para se informar. Neste cenário, o telejornal torna-se a principal fonte de informação para os telespectadores, os quais confiam e são influenciados pelo que está sendo transmitido. Caracterizado por sua oralidade e subsidiado por imagens em movimento, sua narrativa é de fácil acesso para as mais diversas classes sociais, fazendo parte do cotidiano da população.

O telejornalismo possui padrões mais rígidos de comportamento se comparado com outras áreas de produção televisiva, isto por que, em princípio, ele se propõe a tratar a realidade e, dessa

⁷Disponível em http://pesquisademidia.gov.br/files/E-Book_PBM_2016.pdf. Acessado em 27.03.2019

forma, influenciar diretamente na vida das pessoas. (EMERIM, 2010, p.8)

Considerando a facilidade para tal acesso e observando que o público recebe o produto pronto e não tem conhecimento na metodologia envolvida, a escolha de utilizar o telejornalismo para contribuir no processo de aprendizagem através da educomunicação, se deu através da aplicação das vertentes ditas anteriormente: culturalista, onde se trabalha a leitura das mensagens emitidas pela mídia e, pela dialética, levando em conta o local e cenário em que se encontram os receptores e produtores de conteúdo.



Figura 2 Alunos gravando entrevistas.

Nesta perspectiva, o trabalho desenvolvido com os estudantes não pode se resumir a uma abordagem tecnicista, indicando apenas quais os artefatos e técnicas podem ser usadas. Investe-se, também, em o que se pretende apresentar, quais as leituras possíveis sobre o tema escolhido, como trazer isso numa linguagem audiovisual e quais as reações que se pode causar através da execução do trabalho, tendo responsabilidade social sobre o que é produzido.

3. AS ETAPAS DE INTERVENÇÃO E A PRODUÇÃO

Os procedimentos adotados com os alunos foram aulas teóricas, práticas e atividades de análise crítica e avaliação. Para tanto, organizou-se o projeto em nas três etapas: 1) Contato com a teoria; 2) Hora de praticar; 3) Momento da reflexão. Após fazer o diagnóstico da turma, a etapa três foi antecipada e repetida em dois momentos: no primeiro contato com a turma, para verificar o nível crítico dos alunos e, no final do projeto, para averiguar se eles aprenderam com a atividade. Destaca-se que a autora

deste trabalho atuou em todas as etapas realizadas com os adolescentes, assumindo um papel de proponente do projeto e oficinaira.

Na etapa Contato com a Teoria foi realizado apanhado geral sobre: o que é jornalismo e o papel social do jornalista, o que são notícias e os critérios de noticiabilidade⁸, o que são as entrevistas e quem são as fontes, o que é pauta e premissas do jornalismo, como funciona a linguagem audiovisual e como escrever um texto telejornalístico. Com isso, buscou-se debater com os alunos o universo da comunicação, transmitindo as bases do que eles deveriam ter em mente na hora da produção.

A atividade de análise crítica, realizada na primeira etapa com os alunos foi sustentada através da observação de reportagens telejornalísticas, com formatos diferentes, por exemplo: apresentação de telejornal, reportagem, informativo, etc. O momento foi descontraído, em forma de conversa, analisando os trabalhos pessoais da autora do trabalho, refletindo sobre postura, pautas apresentadas, qualidade de som, iluminação, entre outros, lembrando que, os vídeos apresentados não eram profissionais, eram feitos pela autora em trabalhos da faculdade e estágios, ou seja, da mesma forma que eles aprenderam do zero, isso acabou nivelando o padrão da atividade.

Já na etapa Hora de Praticar foi realizada uma rotina de uma redação, iniciando com reunião de pauta tracejando o tema a ser trabalhado, como ele deveria ser abordado, redação do *lead*⁹ com as principais informações, construção da *lauda*¹⁰, escolha das fontes e decisão das possíveis imagens que deveriam ser captadas. Após esse delineamento, os alunos saíram da sala de aula, junto com a oficinaira, em busca do conteúdo, utilizando os recursos audiovisuais do aparelho celular (câmera e gravador) para a captação do material. Antes de cada atividade, uma introdução teórica de como deve ser realizado o exercício era repassada, como por exemplo: a forma de utilizar o celular para captar a imagem, quanto tempo cada imagem deveria ter, forma de posicionamento de microfone (neste caso o celular) no momento da entrevista, entre outros.

⁸ Critérios de noticiabilidade: Sistematizam os critérios para o que deve ou não virar uma notícia, o porquê do que está sendo proposto é importante para a população. Entre eles estão a ideia de “Impacto”, “Proeminência”, “Conflito”, “Curiosidade”, “Polêmica”, “Controvérsia”, “Conhecimento”, “Raridade”, “Proximidade”, “Supresa”, “Governo”, “Tragédia” e “Justiça”. (SILVA, 2005, p.104)

⁹ Lead: Primeira parte de uma notícia onde o jornalista deve responder as perguntas “O que”, “Quem”, “Quando”, “Onde”, “Como” e “Por que”, sendo um copilado das principais informações com a intenção de prender a atenção do leitor/telespectador para o restante do material.

¹⁰ Lauda: montada com o intuito de desenhar como o material coletado deve ser editado/finalizado. É uma estrutura de organização com linguagem audiovisual telejornalística, por exemplo: “Off”, “Sonora”, “Boletim”, “Sobe som”, “Minutagem”, entre outros.

A turma foi dividida em grupos de trabalho para facilitar a logística de produção e todos participarem ativamente: produtores, cinegrafistas, repórteres e editores. Foi acompanhado presencialmente cada etapa da reportagem, ensinando e demonstrando a prática. Os produtores determinaram a abordagem do tema “Preconceito”, marcando entrevistas e definindo os locais de gravação. Os cinegrafistas pensaram em possíveis imagens e saíram a campo para captação do material com seus smartphones. Os repórteres elaboraram perguntas, realizaram pesquisas para subsidiar seus textos, organizaram a pauta, gravaram passagem e áudio. E por fim, os editores organizaram e lapidaram o material final. A plataforma *facebook* e grupos no *whatsapp* foram utilizados como meios de comunicação fora da escola para sanar dúvidas, realizar atendimento e interatividade.

Na etapa Momento de Reflexão voltou-se a trabalhar com a análise crítica, mas dessa vez analisou-se o processo vivenciado pelos adolescentes e o material audiovisual produzido nesse processo. Para tanto, foi realizado um questionário sobre o uso do celular como ferramenta pedagógica e de produção de conteúdo. Além disso, foi realizada uma avaliação, porque apesar de fazer apontamentos durante toda a execução do projeto, levou-se em consideração final o cumprimento do cronograma de atividades, pontualidade de produção e entrega das atividades, interesse, produção e diagnóstico geral da turma. Também investiu-se na autoavaliação dos alunos sobre eles com o projeto, da professora dos alunos sobre a atividade e eu sobre minha experiência como proponente do projeto e oficina à frente de uma turma.

A vertente culturalista esteve presente no desenvolvimento do projeto a partir das aulas teóricas trazendo conteúdo especializado do jornalismo, mostrando todas as fases que a notícia passa até chegar ao seu produto final, como os valores notícias, por exemplo. Já a vertente dialética, é vista no diagnóstico da comunidade antes da aplicação do projeto, levando em consideração todo o contexto que o projeto estava sendo inserido e a relação dos receptores com a comunicação.

A principal meta desejável foi concluir a produção da reportagem para conseguir observar como o conteúdo ensinado foi aplicado, erros e acertos, além dos próprios alunos assistirem um produto que eles mesmos se empenharam para produzir. Através da atividade de análise crítica teve-se como meta analisar a evolução dos alunos e seus posicionamentos críticos acerca dos processos de recepção e produção dos conteúdos midiático e das tecnologias como ferramentas pedagógicas de aprendizagem e produção

de conteúdo. Além disso, também pode-se observar a apropriação de pautas mais sensíveis, como o preconceito, que foi o assunto escolhido pelos adolescentes. Os alunos conseguiram tratar a pauta de forma respeitosa e com muita pesquisa, buscando trazer o assunto da forma mais correta possível. Apresentaram entrevistados de credibilidade, cuidaram as formas de expressão em seus textos e foram receptivos a críticas construtivas a todo instante. O produto final, apesar de alguns erros técnicos, previsíveis, ficou, de maneira geral, irretocável, pensando na realidade deles.

Algumas cenas do projeto podem ser observadas na Figura 3.



Figura 3: *Printscreen* da pasta de produção dos alunos.

4. RESULTADOS

Com duração de quatro semanas, a execução do projeto abrangeu aulas teóricas, práticas e atividades de análise crítica. Com uma linguagem próxima à faixa-etária dos alunos e trabalhando recursos tecnológicos que eles já conheciam, buscou-se inseri-los dentro do meio telejornalístico com o prisma da educomunicação. A incorporação do celular, uma tecnologia cotidiana utilizada pelos alunos para a produção da reportagem foi algo próximo deles, os fazendo explorar o objeto para além das plataformas de comunicação que eles utilizam, em especial o aplicativo de comunicação whatsapp. Os alunos tiveram a oportunidade de realizar uma reportagem a partir da visão deles, aprendendo a utilizar ferramentas de imagem, gravação e edição. A produção audiovisual como metodologia de ensino, possibilitou que utilizassem, de forma criativa, o aparelho manuseado por eles diariamente e, também, exercitando o pensamento crítico, texto e oratória.

Durante o desenvolvimento da atividade os alunos demonstraram curiosidade, buscando realizar as atividades propostas com eficiência. Notou-se a facilidade de aprendizagem e dedicação com o trabalho. Uma das únicas dificuldades foi a pós-produção no uso de aplicativos de edição de vídeo no celular, os estudantes acabaram migrando para o computador para finalizar a produção.

Os alunos produziram uma reportagem de cerca de três minutos falando sobre a temática “Preconceito”, algo que era uma inquietação de todos e que estava ocorrendo dentro da escola. Eles buscaram falar sobre o que era o preconceito, como ele se manifestava e quais opções a pessoa que estava passando pela situação pudesse recorrer. Entre os entrevistados estavam quatro autoridades escolares que tem contato com o assunto, diretora, professora, coordenadora pedagógica e grêmio estudantil. Para mais, trouxeram alunos que já sofreram preconceito. Eles montaram um conteúdo de credibilidade e fácil entendimento, apropriando-se da linguagem do telejornalismo para abordar o tema escolhido.

Algo que chamou a atenção no processo de produção foi o domínio das técnicas por parte de alguns alunos, que buscavam conhecer mais sobre o que estava sendo trabalhado e aprimorar a produção, como foi o caso da aluna KAR (15 anos), que, além de desempenhar sua função dentro da atividade auxiliava os outros colegas.

Além desta, o uso da rede social facebook e a plataforma whatsapp foi um contexto de suma importância para a comunicação complementar durante o desempenho do projeto, além de ser um local de postagem dos materiais coletados, os alunos conversavam acerca da produção e sanavam dúvidas para melhorar sua função.

A maior dificuldade encontrada durante o processo foi a questão da edição do conteúdo pelo celular, eles iniciaram por aplicativos, mas, acabaram migrando para o computador e conseguiram resolver rapidamente. Além disso, alguns problemas de timidez surgiram pelo caminho, porém, os colegas se ajudavam a todo instante, encorajando uns aos outros. Ao considerar que a interação e o caráter cooperativo e de compromisso são características de uma comunidade, conforme detalhado anteriormente com base em Peruzzo (2002), entende-se que o empenho em ajudar o outro na realização de um projeto pode fortalecer os laços dessa comunidade.

O projeto foi uma oportunidade de os alunos aproximarem-se das técnicas do jornalismo, conhecendo toda a fase de produção do produto final que chega diariamente na televisão. Com esse processo, os adolescentes puderam observar que as imagens são editadas e que pautas e fontes são escolhas de uma equipe. O conteúdo que eles têm acesso no telejornalismo é produzido a partir de escolhas de um determinado grupo de pessoas. Junto a isso, possibilitou-se um espaço de fala através de um canal de diálogo entre os alunos e o ambiente escolar, proporcionando um espaço de democratização da

comunicação. O produto final ainda não foi publicado e, no momento, somente está disponível para acesso aos integrantes do projeto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação e a Comunicação, apesar de serem observadas em primeiro plano como espaços de atuação independentes, cumprindo funções pré-determinadas e tendo discursos diferentes, estão muito associadas. Os dois polos são considerados um campo integrador, de interdiscursividade (Lauritti, 1999). Dentro dessa perspectiva, objetivou-se promover o uso de tecnologias digitais como ferramentas voltadas à elaboração de conteúdos audiovisuais com alunos do Instituto de Educação Juvenal Miller. Junto a isso, investiu-se em estratégias que buscassem inserir os alunos dentro do meio telejornalístico com o prisma da educomunicação, viabilizando um espaço de fala e oportunizando o desenvolvimento do senso crítico através da produção de conteúdo.

A escolha de uma escola pública, que enfrenta notórias dificuldades com uma grande parte dos seus alunos, em relação ao acesso à informação e às tecnologias digitais, possibilitou uma experiência calcada na leitura das mensagens dos meios de comunicação no local onde se encontram os receptores e produtores de conteúdo. Assim, o trabalho foi uma oportunidade de despertar interesse dos alunos pela produção audiovisual e pelo jornalismo.

A temática do “Preconceito”, trazida pelos alunos, foi pertinente não somente para eles, mas também para a comunidade escolar em que estão inseridos, podendo trazer o debate do tema com os colegas. Além disso, eles tiveram o intuito de colocar o assunto em evidência pois, apesar de corriqueiro, na visão deles, não é tratado como deveria. A partir desse projeto, os adolescentes tiveram a possibilidade de expor suas inquietações com responsabilidade de repassar uma informação explicativa e de grande valia. A abordagem escolhida buscou chamar a atenção de quem passa por isso e apontar caminhos sobre como pode proceder nesse tipo de situação dentro da escola.

O jornalista além de ter a função de ser porta-voz das notícias do mundo, carrega consigo uma responsabilidade social com o público. Aproveitar os espaços escolares, como foi realizado no presente projeto, é uma forma de disseminar a comunicação de forma educativa buscando tornar o público uma comunidade ativa e crítica com o que está sendo repassado nos dias de hoje.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de. **PROJETOS DE INTERVENÇÃO EM EDUCOMUNICAÇÃO**. Campina Grande/PB, v 1.6 - 24 ago 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3368496/mod_resource/content/1/As%20areas%20de%20intervencao%20da%20educomunicacao%20V%206.pdf. Acesso em: 28/08/2018.

EMERIM, Cárilda. **O TEXTO NA REPORTAGEM DE TELEVISÃO**. Intercom Sul, Caxias do Sul, set 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0879-1.pdf?fbclid=IwAR3L7RmmKHD0XW8KpVZEYTRYPG2-v2eH6XVN6dE0jSJmAHWcWrzqlTfoPKo>. Acesso em: 27/05/2019.

SOARES, Ismar Oliveira. **EDUCOMUNICAÇÃO: UM CAMPO DE MEDIAÇÕES**. Comunicação & Educação, São Paulo: 12 a 24, set./dez. 2000. Disponível em: <http://www.journals.usp.br/comueduc/article/view/36934/39656>. Acesso em: 20/08/2018

SOARES, Ismar Oliveira. **GESTÃO COMUNICATIVA E EDUCAÇÃO: CAMINHOS DA EDUCOMUNICAÇÃO**. Comunicação & Educação, São Paulo: 16 a 25, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37012/39734>. Acesso em: 22/08/2018.

SOARES, Ismar Oliveira. **EDUCOMUNICAÇÃO: AS PERSPECTIVAS DO RECONHECIMENTO DE UM NOVO CAMPO DE INTERVENÇÃO SOCIAL, O CASO DOS ESTADOS UNIDOS**. Revista ECCOS. São Paulo: Centro Universitário Uninove, v.2, n.2, dez.2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37012/39734>. Acesso em: 06/12/2018.

LAURITTI, Nádia C. **COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: TERRITÓRIO DE INTERDISCURSIVIDADE**. NCE/USP, 1999. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arg/textos/142.pdf>. Acesso em: 22/08/2018.

PERUZZO, Cicilia. **COMUNIDADES EM TEMPOS DE REDE**. In PERUZZO, C.M.K.; COGO, Denise; KAPLÚN, Gabriel. “Comunicación y movimientos populares: ¿Quais redes? Porto Alegre: Editora Unisinos, 2002. p.275-298. Disponível em: https://ava.ufpel.edu.br/pre/pluginfile.php/252693/mod_resource/content/2/Comunidades_e_m_tempo_de_redes.pdf. Acesso em: 17/11/2018.

SILVA, Gislene. **Para Pensar Critérios de Noticiabilidade**. Estudos em Jornalismo e Mídia. Florianópolis: UFSC. Vol.II, Nº 1 - 1º Semestre de 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/2091/1830>_____. Acesso em: 29/03/2019